

O Estado de S. Paulo

13/7/1986

Há dois anos, o terror em Guariba

Dois anos atrás — 15 de maio de 1984 — a pequena Guariba, a 360 quilômetros da Capital, viveu horas de pânico e tensão, presenciando até a morte de um homem doente e aposentado que nada tinha que ver com o movimento. Cinco mil trabalhadores rurais reuniram-se na praça central da cidade em protesto contra o sistema de trabalho no corte da cana e pelas altas taxas cobradas pela Sabesp e saquearam um supermercado, queimaram dois veículos, depredaram dois caminhões e duas camionetas. Como sempre, o PT e a CUT estavam lá.

O levante começou às 5 horas da manhã, quando alguns piquetes impediram o tráfego de caminhões que transportavam cortadores de cana, mas o maior grupo concentrou-se na porta do prédio da Sabesp, onde surgiram os protestos. Do escritório local da empresa, a mais prejudicada pelo quebra-quebra geral ocorrido na cidade, nem o prédio resistiu, porque sua maior parte acabou caindo.

O pequeno contingente da Polícia Militar na cidade — 16 soldados, dos quais 12 estavam em serviço — não teve como enfrentar os manifestantes. O comércio fechou as portas, nas escolas havia medo em relação à segurança das crianças e, nas estradas de acesso a Guariba, a Polícia Rodoviária recomendava a todos que não entrassem na cidade.

Desde a madrugada, alguns grupos já tomaram os dois trevos da cidade, impedindo a saída e a entrada de relvados. Com isso, os caminhões que transportavam trabalhadores e cana não puderam chegar ao local de trabalho, causando problemas nas atividades das cinco usinas de açúcar dos municípios próximos. Segundo os organizadores, os trabalhadores tinham aderido à paralisação na véspera — quase dez mil deles, das várias usinas, concordaram em não trabalhar — e grande parte dirigiu-se ao centro de Guariba.

A Polícia Militar enviou para lá um destacamento da tropa de choque, que chegou quase duas horas depois do início dos saques e depredações. Cerca de 200 policiais com cães e bombas de gás lacrimogêneo dispersaram os manifestantes, mas só ao meio-dia a situação foi controlada. Amaral Vaz Meloni, o aposentado de 60 anos que acompanhava de longe o saque, levou um tiro no rosto e morreu. Pelo menos 19 pessoas ficaram feridas, entre elas dois policiais, um sargento e um tenente que levou um tiro no ombro e foi hospitalizado.

Depois de dois dias de tensão a greve acabou, numa decisão tomada em assembléia no estádio municipal da cidade. Houve negociação e aumento de salário no corte da cana. A Sabesp sofreu prejuízo de Cz\$ 300 milhões com a destruição de suas instalações e veículos, e seu presidente admitiu depois que a tarifa da água teve aumentos elevados. O secretário de Governo da época, Roberto Gusmão, atribuiu a gravidade dos acontecimentos à infiltração política, porque para ele os trabalhadores rurais não fariam aquilo sem ser incitados. Gusmão relatou ao então ministro do Trabalho, Murilo Macedo, que havia "pessoas estranhas" entre os bóias-frias revoltados e dizia temer que o movimento se alastrasse por toda a região açucareira e se tornasse completamente incontrolável.

(Página 22)